



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

A Segunda Guerra nos mares do Brasil: notas preliminares sobre os torpedeamentos do U-507 em 1942

Maria Thaislayne dos Santos Lino^I
Dilton Cândido Santos Maynard^{II}

Resumo: O artigo analisa as impressões dos militares brasileiros diante do ataque submarino sofrido por embarcações nacionais no nordeste do país, em agosto de 1942. Após esse ataque, o Brasil declarou guerra ao Eixo e entrou oficialmente na Segunda Guerra ao lado dos Aliados e com o compromisso de enviar tropas ao teatro de batalha. A nossa pesquisa, em andamento, analisa o Inquérito Policial Militar resultante dos ataques, identificando e estudando as principais providências das autoridades diante da crise. Observamos, também, as possíveis motivações e justificativas dos militares para as escolhas realizadas no enfrentamento das dificuldades e incertezas do imediato pós-agressão.

Palavras-chaves: Torpedeamentos; Segunda Guerra; Nordeste Brasileiro.

World War II in the Seas of Brazil: Preliminary Notes on the torpedoing of the U-507 in 1942

Abstract: The article analyzes aspects of the measures taken by the Brazilian military in the face of the submarine attack suffered by national vessels in the northeast of the country, in August 1942. After this attack, Brazil declared war on the Axis and officially entered The Second War on the side of the Allies and with the commitment to send troops to the theater of battle. Our ongoing research analyzes the Military Police Inquiry resulting from the attacks, identifying and studying the main measures taken by the authorities in the face of the crisis. We also observed the possible motivations and justifications of the military for the choices made in coping with the difficulties and uncertainties of the immediate post-aggression.

Keywords: Torpedoes; Second War; Northeastern Brazil.

A SEGUNDA GUERRA NOS MARES DO BRASIL: NOTAS PRELIMINARES SOBRE OS TORPEDEAMENTOS DO U-507 EM 1942

LINO, M. T. S.

MAYNARD, D. C. S.

Introdução

Este artigo analisa, de forma preliminar, as impressões registradas pelos militares brasileiros diante do ataque submarino sofrido por embarcações nacionais no nordeste do país. A partir desse ataque, o Brasil declarou guerra ao Eixo e entrou oficialmente no grupo de países beligerantes do maior conflito militar do século XX. A nossa pesquisa, ainda em curso, analisa o Inquérito Policial Militar resultante dos ataques, identificando e estudando as principais providências das autoridades diante da crise. Observamos, também, as possíveis motivações e justificativas apresentadas para as escolhas realizadas pelos militares para lidar com as dificuldades e incertezas do imediato pós-agressão.

O conflito aqui abordado, a Segunda Guerra Mundial, envolveu uma combinação de militarismo, nacionalismo, racismo e rompimentos de qualquer ideia de humanidade e de princípios morais que devem garantir que todos, indivíduos e povos, tenham direito à vida e à diferença^{III}. Ao menos até 1942, o Brasil adotou oficialmente posição de neutralidade, mantendo relações comerciais tanto com os Estados Unidos quanto com a Alemanha. Nesse período, o país estava sob o comando de Getúlio Vargas (1882-1954), que instaurou o regime ditatorial do Estado Novo (1937-1945). No entanto, entre os dias 15 e 17 de agosto de 1942, após um longo período de intrigas e ameaças, o Brasil sentiu em seus domínios a presença do conflito de forma cruel e inesperada, quando 5 navios mercantes (Baependi, Araraquara, Aníbal Benévolo, Arará e Itagiba) foram torpedeados pelo submarino alemão U-507, comandado pelo Capitão-de-Corveta Harro Schacht (1907-1943) em águas nacionais.

Os ataques do submarino alemão, seguidos de declaração de guerra do Brasil à Itália e à Alemanha, na prática, ajudaram a acentuar uma situação de crise econômica que se desenvolvia desde 1929, com conseqüente alta de preços, falta de produtos e dificuldades no cotidiano da população. Além disso, ressaltavam a importância das rotas marítimas no contexto de conflito de grandes proporções, algo que já esteve presente na Primeira Guerra Mundial e que foi importante nesse novo conflito, já que envolvia a defesa com relação ao tráfego marítimo, até o uso de portos e baías para estratégias militares, visando à melhor forma de utilizar a geoestratégia. Por essa razão, a Batalha do Atlântico (1939-1945) foi a mais longa campanha militar de toda a Segunda Guerra Mundial^{IV}.

Sendo assim, visando a um maior entendimento sobre o ocorrido durante o torpedeamento dos cinco navios mercantes brasileiros, foi realizado um levantamento de dados através do Inquérito policial militar realizado no quartel general da 6ª Região militar em Salvador, Bahia, em 21 de agosto de 1942, no qual o Segundo Tenente José de Almeida Lima ficou encarregado de reunir os documentos e serviu de escrivão para a investigação. Em seus anexos, o inquérito possui telegramas enviados no intuito de informar acerca dos torpedeamentos dos 5 navios mercantes e da barçaça Jacira, todos torpedeados em agosto de 1942, como também relatórios contendo listas de sobreviventes, as cargas de alguns dos navios e os depoimentos de náufragos.

Após a leitura do processo, procuramos identificar cada um dos personagens mencionados, fichamos todos os telegramas anexados, estudamos os testemunhos dos sobreviventes, confrontamos as informações constantes nas listas dos passageiros e dos materiais presentes nos navios. Nossa análise também realizou a comparação das informações obtidas no Inquérito, através do dossiê “Agressão” frente ao que se pode obter na historiografia sobre a época. Esse documento nos ajuda a entender principalmente como os militares

A SEGUNDA GUERRA NOS MARES DO BRASIL: NOTAS PRELIMINARES SOBRE OS TORPEDEAMENTOS DO U-507 EM 1942

LINO, M. T. S.

MAYNARD, D. C. S.

encararam o evento e as medidas adotadas no imediato pós-agressão. A sua análise pode, ainda, contribuir à historiografia sobre os torpedeamentos dos navios mercantes na costa do Nordeste brasileiro. Esperamos, dessa forma, colaborar para uma reflexão mais aprofundada sobre esse tema ainda merecedor de estudos e análises mais aprofundados.

A Segunda Guerra Mundial, o Brasil e o Atlântico

Segundo Cytrynowicz^V, o mapa mundial, as estruturas organizacionais políticas, econômicas e sociais e os parâmetros de relações políticas entre os países são, em grande parte, os derivados dos acordos do fim da guerra. No momento de uma guerra, uma sociedade muda drasticamente; principalmente o comportamento dos indivíduos que a compõem e vivem em função do medo dos acontecimentos futuros. Devido ao início da Segunda Guerra Mundial, em setembro de 1939, os países que compunham o conflito tiveram que se adequar ao novo momento que passariam a enfrentar; desde um contexto interno, levando em conta a economia e as mudanças no interior da sociedade, até o início das hostilidades que levaram as Marinhas dos Estados Beligerantes a iniciarem suas manobras com o intuito de se posicionarem para futuras missões^{VI}.

A certeza de uma nova guerra com alcance mundial trouxe a necessidade de novas estratégias que visassem à vitória de uma forma mais rápida e efetiva. No entanto, alguns ainda perpetuavam os mesmos modos de agir que aqueles utilizados na Grande Guerra anterior, algo que, de certa maneira, influenciou nos anos seguintes de conflito e no modo como ele se desenvolveu. Nesse contexto, na Alemanha, surgiu a *Kriegsmarine*, que passou a investir na construção de submarinos (U-Boot) e em reforços de unidades aéreas e terrestres. As operações navais se caracterizavam pela organização de comboios e negação ao inimigo do livre acesso às rotas marítimas, a fim de dificultar o fornecimento de suprimentos básicos e estratégicos^{VII}.

Por conta disso, em 3 de setembro de 1940, Roosevelt e Churchill assinaram o *The Destroyers-Naval Base Deal*, acordo entre os Estados Unidos e a Inglaterra no qual haveria uma troca de favores no setor naval para o fortalecimento de ambos. No entanto, o conjunto de ações elaboradas pelos britânicos não surtiu efeito imediato, pois os nazistas aumentaram o número de submarinos, como também incorporaram às embarcações aperfeiçoamentos tecnológicos, com o intuito de ampliar o poderio naval, além de receberem reforços de submarinos italianos^{VIII}.

No Brasil, a situação não foi diferente. No período da Guerra, o país vivia o Estado Novo, imposto pelo então presidente Vargas. O regime, instituído em 1937, incorporava, entre outras coisas, uma ideologia que enfatizava ideais militares e colocava os integrantes da caserna como grupo de destaque e a ideia de uma possível qualificação das forças armadas era considerada passo importante para que o país se tornasse uma potência^{IX}.

Em meio a tudo isso, em 1940, obedecendo ao novo programa naval aprovado em 1936, optou-se pela construção, no Brasil, de uma série de navios varredores improvisados. Sendo assim, a força de Alto-Mar brasileira passou a ser assim constituída:

“uma Esquadra com uma Divisão de Encouraçados com dois navios, o *Minas Gerais* e *São Paulo* (ambos do programa de 1906 e totalmente obsoletos); uma Divisão de Cruzadores com dois navios, o *Rio Grande do Sul* e o *Bahia* (também de 1906 e obsoletos); uma Flotilha de Contratorpedeiros com seis unidades, a maior de 1906,

A SEGUNDA GUERRA NOS MARES DO BRASIL: NOTAS PRELIMINARES SOBRE OS
TORPEDEAMENTOS DO U-507 EM 1942

LINO, M. T. S.

MAYNARD, D. C. S.

sem nenhuma capacidade de combater os submarinos modernos; uma Flotilha de submarinos com quatro unidades capazes apenas de realizar exercícios; um Trem de Esquadra com dois navios abastecedores, tânderes de Belmonte e Ceará (com capacidade logística limitada); os navios-tanque *Novais de Abreu* e *Marajó* e quatro rebocadores (também modestos), além da Flotilha de Navios-Mineiros Varredores com 10 navios, mais modernos porém com sérias limitações operacionais. Existia também uma Flotilha da Diretoria de Hidrografia e Navegação com cinco unidades, um navio-escola e as duas Flotilhas Fluviais, uma na região amazônica e outra em Ladário em Mato-Grosso [sic], com unidades pequenas com pouco poder combatente.”^x

Como pode-se observar, a maioria desses meios de combate eram provenientes do programa de construção naval de 1906, idealizado pelo almirante Alexandrino Faria de Alencar. Apesar de o pessoal da marinha possuir conhecimento das últimas inovações no campo de guerra da época, eles se mantinham atrelados aos velhos modos de batalha^{xI}. Essa interrelação entre as embarcações antigas e a insistência em permanecer com os mesmos métodos de combate utilizados anteriormente indicam o despreparo do país nos setores estratégico e bélico, o que acabou influenciando diretamente na reposta aos ataques sofridos posteriormente.

A I Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores, no Panamá, por conta das preocupações com o desenrolar da guerra na Europa, resultou em duas medidas: a adoção de uma atitude oficial de neutralidade e uma delimitação de uma área de segurança. Essa área passou a ser conhecida como Zona Neutra, que iniciava na fronteira canadense-estadunidense no Pacífico^{xII}. De acordo com Neill Lochery, o Brasil manteve-se neutro até o ataque japonês a Pearl Harbor, quando, após diversos embates e contendas entre os componentes do gabinete de Vargas, optou-se pelo apoio aos Estados Unidos em troca de material bélico e financiamento para a construção da Siderúrgica Nacional^{xIII}.

Após Pearl Harbor, os Estados Unidos perceberam que deveriam, de uma vez por todas, garantir a unificação do continente contra o Eixo. Nesse contexto, o Brasil se tornava estrategicamente vital para a defesa da América por conta da sua localização geográfica, principalmente no que se refere ao Saliente Nordestino^{xIV}. Sendo assim, diante da necessidade dos Estados Unidos do uso das terras brasileiras para operações militares e do fato de a guerra acabar afetando diretamente o país, o Brasil teve que deixar sua postura ambígua^{xV}. Curiosamente, a posição geográfica poderia indicar um paradoxo, já que ao mesmo tempo em que seria algo benéfico para os Aliados, de forma que eles teriam uma localização adequada para uma investida contra o Eixo, a mesma localização deixava o Brasil fragilizado, pois se a região não estivesse devidamente protegida, poderia tornar-se um alvo fácil para os ataques inimigos.

No entanto, os primeiros ataques à Marinha Mercantil brasileira ocorreram quando o Brasil ainda estava oficialmente numa posição de neutralidade em relação ao conflito europeu. A primeira perda foi o NM *Cabedelo*, que deixou o porto de Filadélfia, nos EUA, com carga de carvão, no dia 14 de fevereiro de 1942. Seguido pelo torpedeamento do NM *Buarque*, em 16 de fevereiro de 1942, que levava para os Estados Unidos 11 passageiros, café, algodão, cacau e peles. Já o NM *Olinda* foi torpedeado em 18 de fevereiro de 1942, com uma tripulação de 46 passageiros^{xVI}. Ainda foram vítimas de torpedeamentos o NM *Arabatã*, em 7 de março de 1942; NM *Cairu*, em 8 de março de 1942; NM *Paraíba*, em 1º de maio de 1942; NM *Gonçalves Dias*, em 24 de maio de 1942; NM *Alegrete*, em 1º de junho de 1942; NM *Pedrinhas* e NM

A SEGUNDA GUERRA NOS MARES DO BRASIL: NOTAS PRELIMINARES SOBRE OS TORPEDEAMENTOS DO U-507 EM 1942

LINO, M. T. S.

MAYNARD, D. C. S.

Tamandaré, em 26 de junho de 1942. Todos os ataques ocorreram em costa norte-americana ou no mar das Antilhas. A única exceção foi o NM *Comandante Lira*, que foi torpedeado a 180 milhas da costa do nordeste brasileiro, vítima do submarino italiano *Barbarigo*^{XVII}.

A partir disso, em janeiro de 1942, durante a Conferência dos Chanceleres no Rio de Janeiro, o rompimento passava a ser mais palpável, após um bilhete enviado pelo representante alemão, Curt Pruefer, que advertia: “A ruptura das relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha significaria o estado de beligerância latente, acarretando consequências que equivaleriam à eclosão da guerra efetiva entre os dois países”^{XVIII}. No entanto, foi somente em agosto de 1942 que a posição do Brasil foi definitiva. Por conta do rompimento de relações diplomáticas com o Eixo, vários navios mercantes brasileiros foram torpedeados por submarinos alemães. Porém, um ato de maior impacto ocorreu entre os dias 15 e de 17 de agosto, em águas nacionais. Os navios mercantes *Baependi*, *Araraquara*, *Aníbal Benévolo*, *Arará* e *Itagiba* foram torpedeados pelo submarino alemão U-507, o que levou o país a declarar estado de beligerância contra o Eixo^{XIX}.

Reflexões iniciais sobre os torpedeamentos

Com base na análise dos relatórios, telegramas e informações contidas no Inquérito Policial Militar^{XX} e do dossiê “Agressão”^{XXI}, pôde-se apreender um pouco mais acerca dos acontecimentos e circunstâncias que antecederam aqueles fatídicos dias, como também a forma como os militares posicionaram-se no pós-agressão.

No dia 14 de agosto de 1942, os navios brasileiros *Baependi*, *Araraquara* e o *Aníbal Benévolo* tiveram sua saída do porto da Bahia atrasada por um problema no abastecimento de água destinada à navegação. Por conta disso, o *Baependi* saiu às 7h com destino a Manaus, o *Araraquara* às 11h para Maceió e o *Aníbal Benévolo* às 12h rumo a Aracaju, todos no dia 15. Já o *Itagiba* saiu de Vitória no dia 15 e encontrou-se com o *Arará* no dia 17^{XXII}. Em consequência desse atraso na partida dos navios, no dia 15 de agosto de 1942, o submarino alemão U-507, comandado pelo Capitão-de-Corveta Harro Schacht, torpedeou três dos cinco navios na mesma noite: o *Baependi* às 19h, o *Araraquara* às 21h, ambos no dia 15, e o *Aníbal Benévolo* às 4h15min do dia 16. Aproveitando-se também do *Itagiba* e do *Arará*, no dia 17, que se encontraram navegando em destinos contrários. O primeiro iria para a Bahia; o segundo, para Santos^{XXIII}.

Devido a essa realocação nas saídas dos navios e as coincidências trágicas daquele momento, os governantes, e conseqüentemente a população, cogitaram a possibilidade de uma provável ação de espões do Eixo em terras brasileiras, gerando um desconforto nos cidadãos que passaram a desconfiar até mesmo de seus vizinhos e familiares, o que é evidenciado através de notícias nos jornais sergipanos da época, tais como o *Diário Oficial*, *Folha da Manhã* e *Correio de Aracaju*^{XXIV}. Por sua vez, no estudo dos torpedeamentos dos navios mercantes brasileiros, é estratégico levar em conta os telegramas entre autoridades anexados ao Inquérito Policial militar analisado, os quais evidenciam as trocas de informações entre os militares após a notícia dos naufragos chegarem à costa sergipana. Vejamos algumas das informações neles constantes.

No dia 16 de agosto, foram enviados telegramas relatando o torpedeamento ao navio mercante *Baependi*. Dentre eles, ao menos dois merecem comentários. O primeiro, taxado como

A SEGUNDA GUERRA NOS MARES DO BRASIL: NOTAS PRELIMINARES SOBRE OS TORPEDEAMENTOS DO U-507 EM 1942

LINO, M. T. S.

MAYNARD, D. C. S.

“URGENTÍSSIMO”, foi enviado pelo capitão Lauro Reis ao Ministro de Guerra, general Eurico Dutra, informando sobre o torpedeamento do Baependi e o salvamento de dois oficiais do Sétimo Grupo de Artilharia e quatro praças, na cidade sergipana de Estância, ao norte da Bahia^{XXV}. O documento informa, porém, não ser possível presumir quantos sobreviventes haveria, por conta da rapidez com que o navio afundou.

Como é possível perceber, a dimensão do problema exigiu que a mais alta autoridade abaixo do presidente, o Ministro de Guerra, fosse informada sobre o ocorrido de forma rápida e efetiva - como costumam ser os telegramas -, sendo registrados o dia e hora em que ocorreu o torpedeamento; além de alguns dados sobre o salvamento de 6 sobreviventes e a necessidade de realizarem buscas pelas imediações, considerando-se que poderiam existir mais sobreviventes em baleiras à deriva. O ataque foi rápido, cirúrgico e não tinha a intenção de deixar sobreviventes. Pelo que se pode observar no telegrama, até aquele momento, não havia indícios do quanto os militares tinham ciência desse fato; apenas que sabiam do fato do afundamento ter sido rápido, como é informado.

O segundo telegrama, enviado pelo interventor Augusto Maynard ao general Eurico Dutra e ao Major Landry, informava que os 28 sobreviventes do Baependi estavam sendo levados para Aracaju e que o navio Aníbal Benévolo, que era esperado no dia 15 de agosto, ainda não havia chegado ao porto e nem havia notícias sobre ele, até o momento do envio do telegrama^{XXVI}. A partir dessas informações, já seria possível presumir a existência de apenas 28 sobreviventes do torpedeamento do Baependi. Como também a necessidade de informar sobre o aparente desaparecimento do Aníbal Benévolo, já que devido às circunstâncias, havia a forte possibilidade de o navio também ter sucumbido ao mesmo destino cruel.

Já no dia 17, temos vários telegramas enviados e, entre eles, podemos notar uma discrepância entre a distância da costa em milhas em relação ao local em que o navio foi torpedeado. Enquanto em um telegrama, enviado às 10h15min, informava que o navio estava a sessenta milhas da Barra do Rio Real; outro telegrama, enviado às 22h, esclarecia que o torpedeamento ocorreu à cinquenta milhas da costa. A ocorrência dessa discrepância pode ser explicada pelos diferentes relatos dos sobreviventes ao serem interrogados sobre o ataque; ou até mesmo por um erro de datilografia na pressa da informação ser transmitida o quanto antes, resultando em certa falta de cuidado. Porém, não há como se ter certeza, já que não é explicado o motivo de informarem distâncias diferentes para o mesmo navio e momento.

Outro telegrama ainda enviado nesse mesmo dia, 17/08, às 12h, de Aracaju para o Rio, explica que o número de sobreviventes era 29 (e não 28, como dito pelo Interventor Maynard Gomes em seu comunicado). Sendo que um dos naufragos, José Castelo Branco Verçosa, considerado “semilouco”, disse que só sairia da praia quando chegassem os cadáveres de sua mulher e filha. Informa ainda a grande revolta da população, que, indignada com o ataque, começava a realizar manifestações^{XXVII}.

Ainda é possível perceber que as notícias dos torpedeamentos e os infortúnios dos sobreviventes já estavam rodando pelas ruas, praças, e bares das cidades e a população já se mostrava extremamente indignada, clamando por vingança e exigindo que medidas fossem adotadas para que esses ataques não fossem esquecidos e nem tratados com pouca importância. Nota-se como a população se comportou nesse momento, por meio das notícias de jornais sergipanos na época, que destacam ainda a depredação de propriedades de estrangeiros, que, mesmo não existindo uma confirmação do envolvimento deles com os torpedeamentos, ainda eram culpabilizados^{XXVIII}.

A SEGUNDA GUERRA NOS MARES DO BRASIL: NOTAS PRELIMINARES SOBRE OS TORPEDEAMENTOS DO U-507 EM 1942

LINO, M. T. S.

MAYNARD, D. C. S.

Às 14h daquele mesmo dia, foi enviado um telegrama pelo Interventor Federal da Bahia, Landulfo Alves, para o prefeito de Cairu, Raul Miranda, comunicando que o Iate Aragipe ancorou perto de Gamboa do Morro, trazendo náufragos do navio Itagiba, que havia sido torpedeado naquele mesmo dia às 10h50min. Relata ainda que entre os sobreviventes estavam: 76 praças, 56 tripulantes e 10 passageiros. Como desaparecidos, existiam 20 praças, 4 tripulantes, o comandante do navio e 2 passageiros. Sendo que os sobreviventes foram conduzidos para a cidade de Valença, a fim de receberem os primeiros socorros^{XXIX}.

Nesse caso, pode-se ter noção de que os militares passaram a ter conhecimento de mais torpedeamentos além dos dois primeiros navios. Nota-se ainda que esse telegrama é mais detalhado que os anteriores, informando não somente a quantidade dos sobreviventes e desaparecidos, mas também especificando quantos praças, tripulantes e passageiros existiam. Além de que deixa uma dúvida acerca de qual a razão para o Aragipe não ter sido torpedeado ao salvar os náufragos do Itagiba. Seria pelo fato do iate ter realizado o salvamento num local mais afastado do ataque? O submarino simplesmente o ignorou? Ou o U-507 já havia partido em busca de novas vítimas?

Só é possível entender e responder a essas perguntas por conta dos depoimentos dos sobreviventes que foram interrogados e cujo relatório está em anexo ao Inquérito Policial Militar. Conforme o relatório, no caso do Aragipe, o navio não se aproximou o bastante para ficar no local do torpedeamento do Itagiba, o que deve ter sido a razão para ele não ser torpedeado. O Arará não teve a mesma sorte: ao se aproximar do local do torpedeamento para trazer a bordo os náufragos, que ainda estavam à deriva e pedindo socorro, foi atacado e teve o mesmo destino daqueles que pretendia salvar^{XXX}.

Outros dois telegramas, enviados pelo Coronel Aleixo para o quartel 28° BC em Aracaju, solicitavam que fossem remetidas com urgência todas as informações existentes sobre o torpedeamento do Baependi, pois era necessário que o ataque fosse apurado por Inquérito Policial Militar específico^{XXXI}. Percebemos, assim, os militares tentando entender, o mais rápido possível, o que havia ocorrido e, desse modo, se aproximar mais da certeza de se, por acaso, sofreremos ou não um ataque alemão.

Já no dia 18 de agosto, o tenente coronel Gilberto Freitas, junto com Antônio Carlos do Nascimento Junior, tomou os depoimentos de 4 testemunhas; Viterbo Storry, tripulante do Baependi; os marinheiros Milton Fernandes da Silva, Erotildes Bruno de Barros e o estudante Caetano Moreira Falcão, sendo que esses três viajavam no Araraquara^{XXXII}. A partir de seus depoimentos, pode-se perceber as semelhanças e o quão assustadores e trágicos foram os torpedeamentos, sendo realizados de forma que não houvesse sobreviventes. Em seus relatos, os depoentes registraram o pavor ao tentarem sobreviver, vendo os navios afundando rapidamente e passando pelo horror de tentarem se agarrar ao que encontrassem por perto, já que a maioria das baleeiras foi inutilizada pelos torpedos.

Conclusão

A partir das informações colhidas, pode-se apreender a forma como os militares analisaram os ataques, avaliaram as medidas adotadas no imediato pós-agressão e as impressões iniciais sobre o ocorrido e seus desdobramentos. A primeiras medidas ao saberem acerca do

A SEGUNDA GUERRA NOS MARES DO BRASIL: NOTAS PRELIMINARES SOBRE OS
TORPEDEAMENTOS DO U-507 EM 1942

LINO, M. T. S.

MAYNARD, D. C. S.

torpedeamento do Baependi foram informar ao Ministro de Guerra, Eurico Dutra, da forma mais rápida e direta do acontecido.

Nota-se ainda, as discrepâncias existentes entre os telegramas enviados, seja por conta da pressa para as informações serem repassadas, ou pelos relatos dos sobreviventes serem controversos entre si em alguns pontos. Diferenças essas notadas na distância em milhas do local do torpedeamento do Baependi com relação à Costa e à quantidade de sobreviventes dos torpedeamentos.

Ressaltando, também, a forma como a população se comportou após os ataques, indo às ruas em busca de justiça pelos atentados à sua terra e seu povo, denotando uma intensa comoção quase que generalizada e o espírito revanchista que tomou parte dos populares, levando o ataque como pessoal e como se aquelas vítimas fossem suas parentes.

Notas

^I Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe, integrante do grupo de estudos do Tempo Presente (GET-UFS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7705589116051085>. E-mail: maria@getempo.org. A pesquisa tem apoio do CNPq.

^{II} Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe (1999), mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (2002), doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2008) e Pós-Doutorado em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2013). Líder e fundador do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET-UFS). Bolsista Produtividade CNPq-Nível 2. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7966825011414341>. E-mail: dilton@getempo.org.

^{III} CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo/Geração Editorial, 2002.

^{IV} CABRAL, Ricardo Pereira. O Atlântico, a defesa hemisférica e a Segunda Guerra Mundial. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; LEÃO, Karl Schurster de Souza; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de (Org.). **Atlântico: a história de um oceano**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 393-432.

^V CYTRYNOWICZ, *op. cit.* 2002, p.

^{VI} CABRAL, *op. cit.* p. 397.

^{VII} *Ibid.* p. 399.

^{VIII} *Ibid.* p. 406.

^{IX} CYTRYNOWICZ, *op. cit.* p. 19.

^X ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. A marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial: Considerações históricas e estratégicas. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge; LAPSKY, Igor (Orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.

^{XI} *Ibid.* p. 298.

^{XII} *Ibid.* p. 410.

^{XIII} LOCHERY, Neill. **Brasil: os frutos da guerra**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca LTDA, 2014.

^{XIV} SIQUEIRA, Armando Augusto. Censura e americanização pelas ondas da Rádio Clube de Pernambuco. In: PEDREIRA, Flávia de Sá (Org.). **Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial**. São Paulo: LCTE Editora, 2019, p. 205-232.

^{XV} SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento dos navios brasileiros pelos nazistas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

^{XVI} ALMEIDA, *op. cit.* p. 302.

^{XVII} *Ibid.* p. 303.

^{XVIII} SANDER, *op. cit.* p. 38.

^{XIX} LIRA, Clarice Helena Santiago. A Teresina “escura e triste” nos tempos de mobilização (1942-1945). In: PEDREIRA, Flávia de Sá (Org.). **Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial**. São Paulo: LCTE Editora, 2019, p. 113-136.

A SEGUNDA GUERRA NOS MARES DO BRASIL: NOTAS PRELIMINARES SOBRE OS TORPEDEAMENTOS DO U-507 EM 1942

LINO, M. T. S.

MAYNARD, D. C. S.

-
- XX ALEIXO, Renato Onofre Pinto. **Inquérito Policial e Militar**. Bahia: Quartel general da 6ª Região Militar. 1943.
- XXI **AGRESSÃO**: Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1943.
- XXII *Ibid.* p. 18.
- XXIII *Ibid.* p. 17.
- XXIV MAYNARD, Dilton Cândido Santos. O Brasil sob ataque: Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial. In: Silva, Francisco Carlos; SCHURSTER, Karl. O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p. 309-338.
- XXV ALEIXO, *op. cit.* fls. 3.
- XXVI *Ibid.* fls. 11.
- XXVII *Ibid.* fls. 13.
- XXVIII MAYNARD, *op. cit.* 2010. p.
- XXIX ALEIXO, *op. cit.* fls. 24-25.
- XXX *Ibid.* fls. 47.
- XXXI *Ibid.* fls. 29.
- XXXII *Ibid.* fls. 79-82.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de. A marinha do Brasil na Segunda Guerra Mundial: Considerações históricas e estratégicas. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl; CABRAL, Ricardo; FERRER, Jorge; LAPSKY, Igor (Orgs.). **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.
- CABRAL, Ricardo Pereira. O Atlântico, a defesa hemisférica e a Segunda Guerra Mundial. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; LEÃO, Karl Schurster de Souza; ALMEIDA, Francisco Eduardo Alves de (Org.). **Atlântico**: a história de um oceano. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p. 393-432.
- CARVALHO, Luana Moura Quadros. Sobreviver em tempo de guerra: Salvador (1939-1945). In: PEDREIRA, Flávia de Sá (Org.). **Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial**. São Paulo: LCTE Editora, 2019, p. 87-112.
- CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra**: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo/Geração Editorial, 2002.
- GONÇALVES, Williams. A Segunda Guerra Mundial. In: FILHO, Daniel Aarão Reis; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Orgs.). **O século XX**: o tempo das crises – revoluções, fascismos e guerras. Civilização Brasileira, 2005, p. 165-194.
- HOBSBAWM, Eric. A Era dos Extremos. São Paulo, Cia das Letras, 1995.

A SEGUNDA GUERRA NOS MARES DO BRASIL: NOTAS PRELIMINARES SOBRE OS TORPEDEAMENTOS DO U-507 EM 1942

LINO, M. T. S.

MAYNARD, D. C. S.

LIRA, Clarice Helena Santiago. A Teresina “escura e triste” nos tempos de mobilização (1942-1945). In: PEDREIRA, Flávia de Sá (Org.). **Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial**. São Paulo: LCTE Editora, 2019, p. 113-136.

LOCHERY, Neill. **Brasil: os frutos da guerra**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca LTDA, 2014.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. O Brasil sob ataque: Aracaju durante a Segunda Guerra Mundial. In: Silva, Francisco Carlos; SCHURSTER, Karl. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010, p. 309-338.

SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento dos navios brasileiros pelos nazistas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SIQUEIRA, Armando Augusto. Censura e americanização pelas ondas da Rádio Clube de Pernambuco. In: PEDREIRA, Flávia de Sá (Org.). **Nordeste do Brasil na II Guerra Mundial**. São Paulo: LCTE Editora, 2019, p. 205-232.

Fontes

AGRESSÃO: Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1943.

ALEIXO, Renato Onofre Pinto. **Inquérito Policial e Militar**. Bahia: Quartel general da 6ª Região Militar. 1943.